

### **3 vezes 22: perspectivas sobre as (des)comemorações em 2022**

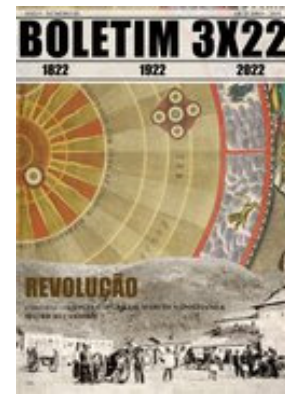
No intuito de preparar o debate público e de produzir conteúdo crítico e de qualidade para as celebrações do bicentenário da Independência e para o centenário da Semana de Arte Moderna, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin constituiu, a partir de 2017, o projeto *3 vezes 22*. Partindo do entrecruzamento das efemérides de 1822 e 1922, o projeto estimula a reflexão sobre a história do nosso tempo presente, avaliando como as temáticas sugeridas por essas datas do passado, como nacionalidade e modernidade, por exemplo, podem nos ajudar a pensar 2022 e um novo e necessário projeto de futuro para o Brasil.

Há quase cem anos a geração modernista encampou a tarefa de discutir o caráter da Nação formada em 1822, rompendo com a tradição estética legada do romantismo e produzindo uma influente, duradoura e nova interpretação da história do Brasil. Mas, como toda narrativa sobre o passado, a “reescrita da história” estabeleceu um novo panteão por meio da seleção de personagens, de eventos e de conceitos que, se por um lado, iluminaram uma determinada versão da História do Brasil; por outro, obscureceram as demais narrativas e personagens.

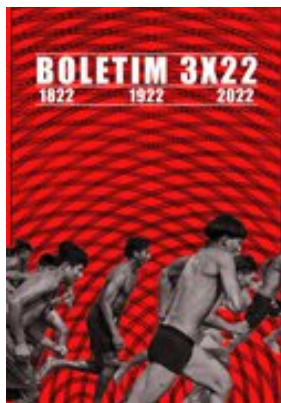
A interseção das narrativas históricas de 1822 e 1922 supõe também enfrentar a dialética entre memória e esquecimento para que seja possível revelar personagens, acontecimentos e processos obliterados. Assim, o projeto *3 vezes 22* tem procurado indicar novos horizontes, evidenciando tanto interpretações e autores, como personagens, grupos sociais e fatos históricos que, por razões diversas, se tornaram renegados.

Foi a partir desta problematização das narrativas de nossa história que a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin iniciou a produção dos *Boletins 3x22*. Os boletins se tornaram um espaço valioso para dar voz a especialistas de dentro e de fora da universidade, por meio de artigos e entrevistas, a construção de um caleidoscópio de olhares sobre os mais diversos temas que brotam a partir das lacunas das versões canônicas de nossa historiografia.

Os três primeiros números do *Boletim 3x22* entrelaçaram as temporalidades de 1822, 1922 e 2022 a partir de temas transversais nas respectivas edições: *Manifesto*, *Nacionalidade* e *Revolução*. Iluminando manifestos e processos revolucionários apagados, assim como dimensões da nacionalidade inferiorizadas em nossa Independência e na Semana de Arte Moderna, foi possível encontrar grupos políticos e sociais que não tiveram o seu devido reconhecimento em nossa história.



Em 2020, identificando os atores embaciados e diminuídos de nossa história, o Ano 2 do *Boletim 3x22* teve como mote o verso de Carlos Drummond de Andrade em seu *Hino nacional*: “Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”. Os boletins deste ano, *Pluralidades Indígenas* (nº 4), *Quilombismos* (nº 5) e *Mulheridades possíveis* (nº 6 – no prelo) mostram uma trajetória de país tanto mais complexa e plural, como também evidenciam a dimensão tão autoritária e desigual da história nacional.



Acesso os boletins no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin:  
<https://www.bbm.usp.br/pt-br/3x22/boletim-3x22/>

Em *Pluralidades Indígenas* priorizou-se o espaço para as vozes dos povos originários, contando em nossa curadoria com o indígena Xineda (Diego) Puri e a antropóloga Betty Mindlin. Com contribuições de Ailton Krenak, Sônia Guajajara, Daniel Munduruku, Ivan Ikolé, Andreia Duarte e Xineda Puri, foi possível abordar com acuidade e responsabilidade política, uma malha diversa de temas sobre os povos indígenas. A edição alcançou as suas artes, literaturas, línguas, e acima de tudo, não se escondeu do desafio político e social de sobrevivência da cultura e identidade indígena no Brasil contemporâneo.

Desde a Independência, com o romantismo e a Semana de Arte Moderna, o indígena assumiu um determinado protagonismo que precisa ser reavaliado. Convidamos, assim, a Mirhiane de Abreu para tratar do indianismo de José de Alencar e do Mário de Andrade da Semana de 22, enquanto Marcos Flamínio nos falou sobre as propostas de Gonçalves Dias. Cilaine Alves Cunha discutiu os movimentos pendulares do romantismo brasileiro, revelando o contexto plural que nossos literatos estavam inseridos. Finalmente, Betty Mindlin fez conosco um percurso introdutório sobre o trabalho antropológico no Brasil, desde o antigo Serviço de Proteção aos Índios até os desafios da FUNAI na nossa atualidade.

O boletim *Quilombismos* não é menos provocativo. Em meio à sua edição, vivenciamos a explosão dos movimentos antirracistas, disseminados a partir da morte de George Floyd nos Estados Unidos. *Quilombismos*, entretanto, evidencia o legado de mobilização política existente em nossa história, com base na experiência histórica e cultural do povo afro-brasileiro, articulando uma proposta multiétnica e pluricultural para o Brasil.

Em “Bordando histórias”, o primeiro bloco do boletim, Mário Augusto Medeiros da Silva discute a formação e a potência das literaturas negras e periféricas. A artista e professora Rosana Paulino, em entrevista, questiona os tensionamentos entre arte e história negra. E outras formas de teatralização são tema da conversa com o dramaturgo José Fernando Peixoto de Azevedo.

Alinhavando o segundo eixo, Maria Clara dos Santos Oliveira reflete sobre as contribuições de Frantz Fanon para a saúde mental. Luana Ortiz Silva aponta a necessidade de se discutir a branquitude, enquanto Cláudia Rosalina Adão mostra a relação entre cidade, extermínio e segregação urbana e racial. A crônica “Entre Negras Pupilas”, de Lucas Fernandes, entrelaça a investigação final sobre as narrativas do presente.

O terceiro bloco ourela a educação na construção do futuro. O estudante de Ciências Sociais e YouTuber Thiago Torres, mais conhecido como o Chavoso da USP, discorre sobre a dita universalidade do acesso ao ensino público superior. A educadora social Bel Mayer (IBEAC) relata o trabalho desenvolvido pelo seu projeto e evidencia o papel fundamental da leitura. A representatividade e suas (in)visibilidades chuleia o quarto e último bloco. O professor Alexandro de Sousa e Silva, doutorando em História, faz um breve panorama no audiovisual brasileiro. A plataforma Lista Preta conversa sobre a referência preta na cultura pop. Em arremate, a filha das travas e obra das trevas, Linn da Quebrada, que é cantora, atriz, apresentadora e performer, reflete sobre novas formas de ligação, lirismo e libertação através de novas e velhas linguagens, línguas e literaturas.

Em breve, lançaremos o próximo boletim, *Mulheridades possíveis*, mantendo o perfil crítico e plural necessário para discutir os rumos de nossa sociedade num contexto de crise política e social como vivemos nesta quadra histórica. A construção de novos horizontes de expectativa não pode ser mais delineada sem que a real apropriação de nossa história, dando voz aos seus diversos atores, seja devidamente incorporada por nossa sociedade por meio das versões de seu passado.

Esperamos que a leitura dos *Boletins 3x22* seja mais uma semente plantada para a construção de um futuro que seja necessariamente diferente de nosso passado.

(\*) Ana Tiecher, Bruna Martins, Franklin Pontes, Giovane Direnzi, Lucas Fernandes, Norberto de Assis, Rafael Pedro e Stephany Barbosa são membros do *Projeto 3 vezes 22*, bolsistas PUB (2019/2020); Alexandre Macchione Saes é coordenador do projeto.